

Espelho dos monges de São Bento

Profa. Dra. Alícia Duhá Lose
Mosteiro de São Bento da Bahia/Faculdade São Bento da Bahia
Universidade Federal da Bahia/Ufba

Resumo: O *Dietário* – documento que relata a história de cada monge que passou pelo Mosteiro de São Bento da Bahia, desde a sua fundação, em 1581, até 1815 – reflete a manutenção de diversas práticas medievais monacais, a modelo do que se vê no *Espelho dos Monges de São Bernardo*. Propõem-se, para o *Dietário*, uma edição diplomática, de caráter conservador, que permite o acesso ao texto na sua grafia e linguagem originais, procedendo-se, ainda, a um estudo filológico do texto, com a análise da grafia da época e das abreviaturas utilizadas.

Palavras-chave: Dietário; Mosteiro de São Bento da Bahia; Edição diplomática; Espelho dos monges; Filologia; Estudo de abreviaturas.

Abstract: Dietario is a document that reports the history of each monk that went by São Bento of Bahia Monastery from its foundation in 1581 to 1815. Similarly to Mirror of São Bernardo's MonksIt, it reflects the maintenance of several monkish medieval practices. A conservative diplomatic edition, allowing access to the text in its original graph and language and a philological study, analyzing both graph and abbreviations, will be performed in Dietario.

Key words: Dietário; São Bento of Bahia Monastery; Diplomatic edition; Mirror of the Monks; Philology; Study of abbreviations.

Desde 1575, monges beneditinos portugueses foram enviados às terras brasileiras para avaliar a possibilidade concreta da fundação de um mosteiro em terras d'além mar. O local indicado seria a Cidade de São Salvador da Bahia, devido aos insistentes pedidos da população local.

Em 1580, o Capítulo Geral da Congregação Lusitana da Ordem de São Bento aprovou a fundação de um Mosteiro de São Bento na Bahia, o qual viria a ser o primeiro de todo o Novo Mundo e um dos primeiros fora da Europa.

Os monges fundadores, em número de nove, chegaram à Bahia na Páscoa de 1582, fixando-se num terreno fora da cidade, onde já havia uma pequena Ermida dedicada a São Sebastião.

No ano de 1584, o Mosteiro foi elevado à condição de Abadia com o Título de São Sebastião da Bahia, mas, popularmente, ficou conhecido como Mosteiro de São Bento da Bahia. As características físicas do edifício monástico assim como suas atividades começavam a ser estruturadas e definidas, concorrendo para isso trabalho dos monges e a colaboração de benfeitores como Francisco Barcellon e Gabriel Soares, Catarina Paraguaçu, dentre outros.

Pautando-se pela *Regra de São Bento* (texto escrito no séc. VI), as atividades dos monges se desenvolveram de forma gradativa e contínua. O aperfeiçoamento e a implementação sistemática dos trabalhos ocorreram em diversas áreas: divina liturgia; canto gregoriano e polifônico sacro; artes (música, arquitetura, pintura, escultura); agricultura e pecuária; trabalho intelectual (estudos, pesquisas, ensino); serviço religioso (catequese, pregação, realização dos sacramentos, aconselhamento espiritual); trabalho de assistência social.

Com a consolidação do Mosteiro da Bahia, em torno de 1586, surgiram solicitações de novas fundações por parte da população de outras cidades da colônia. Os monges baianos partem para fundar novos mosteiros nas cidades de Olinda (1586), Rio de Janeiro (1590), São Paulo (1598).

No ano de 1596, o Mosteiro da Bahia recebe o título de Arquicenóbio do Brasil. Cria-se a Província Brasileira da Congregação Lusitana, tendo como Casa Geral a Abadia de São Sebastião da Bahia. Outros mosteiros são elevados à condição de Abadia: Olinda e Rio de Janeiro (1596), São Paulo (1635).

Em 1624, a Cidade de Salvador foi invadida por tropas holandesas e o Mosteiro foi transformado em quartel militar holandês:

Neste m.^{mo} anno, quando o Monstr^o já contava quarenta annos de fundação, invadirão os Olandeses esta terra, e como erão uma infernal mistura de Luteranos, e Calvinistas, e prim.^{ro} objecto de suas dannadas intenções, foi o total estrago dos templos sagrados, aos quaes ao depois de roubados, e saqueados os arrasarão, deixando tudo assolado, e destruido; os Religiosos p.^a salvarem as vidas, se retirarão p.^a o Certão, aonde padecendo m.^{tas} necessidades, lamentavão a total destruição de um Mostr^o q' tanto lhes custara, assim andarão até q' as armas portuguesas, e castelhanas

trionfando destes mortaes inimigos da fé catholica, os poserão em vergonhosa retirada no seguinte anno de 1.625.

Os monges refugiaram-se nos engenhos do Recôncavo até a retirada dos holandeses, quando a vida monástica retoma o seu curso com o regresso dos religiosos e a recuperação das instalações do Mosteiro como também sua ampliação.

No século XVIII, quando uma grande peste assolou a Cidade, exterminando grande número de pessoas, parte do Mosteiro foi transformada em enfermaria para o atendimento dos doentes.

No século XIX, em 1827, a então Província Brasileira ganha autonomia em relação à Congregação Lusitana, tornando-se a Congregação Brasileira da Ordem de São Bento, tendo como Casa Geral a Abadia da Bahia. A partir de 1855 o Mosteiro de São Bento da Bahia e os demais mosteiros brasileiros viveram dias de trevas quase sendo extintos por falta de religiosos, devido à perseguição empreendida pelo governo imperial, que fechara os noviciados das Ordens Religiosas no Brasil, aos moldes de Pombal, em Portugal.

Na segunda metade do século XIX, os monges foram arautos da abolição da escravatura no Brasil. Em 1867, o Abade Geral da Bahia determinou a libertação de todos os escravos da Ordem de São Bento no Brasil, assumindo as conseqüências deste ato: o comprometimento considerável da economia do Mosteiro, e ainda a hostilidade e a perseguição política dos grandes senhores da época, que tentavam, a todo custo, sufocar o movimento abolicionista. Também no século XIX, novamente o Mosteiro cedeu parte de suas instalações, transformadas em enfermaria, para abrigar os feridos e mutilados na guerra de Canudos.

Com a queda do Império e a Proclamação da República, o Abade Geral da Bahia, Frei Domingos da Transfiguração Machado, escreve ao Papa Leão XIII, pedindo o envio de monges europeus para assegurar a existência da Ordem Beneditina em terras brasileiras. Acolhido o pedido, os monges alemães da Congregação de Beuron foram enviados, chegando ao Mosteiro da Bahia em 1899. Retoma-se a vida conventual com novo fervor.

O Mosteiro de São Bento da Bahia, com sua presença multissecular no cenário cultural baiano e brasileiro, destaca-se como instituição plenamente inserida no desenvolvimento local e regional através da promoção e preservação das artes, da cultura e do saber.

Desde sua chegada à antiga capital da América portuguesa, nos idos de 1581, a ordem beneditina tem sido co-participante da história da cidade, tanto nos seus avanços mais significativos quanto nas vicissitudes que se impuseram ao longo do tempo.

O Mosteiro de São Bento da Bahia, tendo mais de quatro séculos de tradição e história vivas, constitui espaço privilegiado para a produção e difusão do conhecimento. Guardiã do tempo e da memória, através de regras determinadas no séc. VI, por seu fundador, São Bento, o Mosteiro possui um rico acervo constituído de documentos manuscritos que datam desde o séc. XVI, entre eles se encontram: bulas papais, cartas de profissão dos monges, sermões, documentos relativos à vida privada do Mosteiro, documentos de grandes personalidades como Catarina Paraguaçu, Gabriel Soares e Diogo Álvares, cartas de alforria de escravos, documentos de compra e venda de escravos, documentação relativa às propriedades de toda a região metropolitana de Salvador, livros de pedidos de oração, e o *Dietario das vidas e mortes dos Monges, q' falecerão neste Mosteiro de S. Sebastião da Bahia da Ordem do Principe dos Patriarchas S. Bento* – documento, encadernado em um volume, que relata a história de cada monge que passou pelo Mosteiro de São Bento da Bahia, desde a sua fundação, em 1581, até 1815.

O Mosteiro não apenas constitui-se em guardião de todo este acervo raro, mas foi palco, cenário e personagem de inúmeros acontecimentos históricos importantes para a história da Bahia e em especial para a cidade de Salvador. Desde a fundação do Mosteiro da Bahia, os monges beneditinos são guardiões da história e da tradição de São Bento.

Do patriarca da ordem, pouco se tem de informações documentais. O relato mais aceito é a curta biografia escrita por São Gregório Magno, em cerca de 593 d.C., dada à luz em um livro conhecido por *Diálogos*. Esta falta de informações sobre ele, de acordo com Dom Gregório Paixão, OSB (1006, p. 29), provavelmente,

[...] se deve ao fato de que São Bento não tomou parte em nenhum acontecimento importante do seu tempo, quer político, quer eclesiástico, a causa principal foi a sua humildade. Quis permanecer no silêncio. Escreveu a sua regra e a entregou aos discípulos, escondendo-se nas sombras do esquecimento.

Embora São Gregório em seu livro preocupe-se mais com fatos exemplares da vida de São Bento e deixe de fora informações biográficas relevantes, sabe-se que São Bento, Patriarca dos monges do Ocidente, nasceu por volta de 480 em Núrsia, pequena cidade da Úmbria, no Império Romano. Ainda jovem, fez-se monge eremita, inspirado pelos grandes vultos do movimento monástico que se formara no Egito e na Palestina, cerca de duzentos anos antes. Depois de fundar doze pequenos mosteiros em Subiaco, nas proximidades de sua gruta de eremita, partiu para Monte Cassino, onde fundou o célebre mosteiro do mesmo nome. Ali escreveu a famosa *Regra dos Mosteiros*. Os beneditinos se expandiram em toda a Europa, fundando centenas de mosteiros que seguiram, e seguem até hoje, a *Regra de Bento*.

“A Regra de São Bento foi a grande norma espiritual da Idade Média e condicionou a transformação da Europa em ponta de lança da civilização do Ocidente e do mundo. Por esta razão São Bento foi proclamado Padroeiro da Europa pelo Papa Paulo VI, em 1964” (BENTO, 1993).

Essa regra, composta há 15 séculos, já foi objeto de incontáveis traduções e estudos, pois

A vida religiosa, as instituições monásticas, desde sua origem, tiveram a estima, o respeito e a veneração dos povos. [...] O monachismo representava o mais alto esforço pela realização do ensino [...], o exemplo mais compacto e integral da pureza e efficacia dessa boa nova que vinha remir o mundo; não era, pois de surpreender, que o mundo o reverenciasse (CHÉRANCÉ, 1910, p. v).

Os primeiros religiosos, assim como se dá até hoje,

Longe de evitarem a companhia dos outros christãos, [...] personificavam ou creavam em torno de si toda uma sociedade christan. Longe de pensarem só

em sua salvação, trabalhavam, sem descanso, primeiro na salvação dos infieis, depois na conservação da fé e dos costumes nas christandades novas nascidas de sua palavra. Longe de se limitarem á oração ou ao trabalho manual, cultivavam e propagavam com ardor toda sciência e literatura que possuia o mundo de seu tempo. Os lugares apartados a que os levara no principio o amor da solidão, transformavam-se rapidamente, e como pela força das coisas, em cathedraes, em cidades, em colonias urbanas ou ruraes, destinadas a servir de centros, de escolas, de bibliotecas, de officinas, de cidadellas para as familias, os bandos, as tribus convertidas aos poucos. Em torno dessas cathedraes monasticas e das principaes comunidades, formaram-se logo cidades que duraram até hoje [...] (MONTALEMBERT, [18--?], p. 152 *apud* CHÉRANCÉ, 1910, p. vii-viii).

Desta forma, tem-se a vida religiosa intrincada à vida cultural de toda a sociedade ocidental. "A Regra de São Bento vem sendo seguida há mais de mil e quinhentos anos sem interrupção, nas mais diferentes culturas, com as adaptações necessárias às situações particulares. Embora distante, pelos anos, da sociedade atual, não perdeu sua vitalidade [...]" (PAIXÃO, 1996, p. 48).

O *Dietário* traz informações sobre toda a história do Mosteiro, desde a sua fundação, em 1581, até o ano de 1815. Esta história é contada através do resumo da vida de cada um dos monges que passou por ali ao longo desses anos.

O livro, com encadernação, que data de época posterior (séc. XX), feita em percalina e bordas e lombada em couro, em um único volume, apresenta 221 fólhos escritos em tintas marrom e preta e mais 32 fólhos que não apresentam texto.

O volume sofreu a ação de insetos, encontrando-se os fólhos com inumeráveis falhas devidas a cupins e brocas. Ainda, em diversos pontos, a tinta ferro-gálica corroeu o papel através do processo de oxidação. Nota-se também o escurecimento, por oxidação, do suporte. Nos fólhos finais do documento, uma outra espécie de tinta utilizada desbotou consideravelmente, ganhando uma coloração amarelo-clara, o que também prejudica a leitura.

Todo o volume passou por um processo primitivo de restauro no qual se fazia a colagem de um papel de seda com cola comum por sobre o fólho original. Com o passar do tempo, este papel oxida, o que o escurece, e descola do suporte, o que provoca bolhas de ar entre um material e outro, prejudicando sobremaneira a leitura. Ainda neste processo de restauro, alguns fólhos, que provavelmente estavam com as bordas corroídas, foram

cortados, retirando-se, por vezes, partes do suporte em que havia texto escrito. Em alguns casos, o monge responsável pelo restauro completou o texto mutilado com tinta preta na margem inferior.

Todo o volume apresenta o mesmo papel, sendo este poroso, em gramatura média e trazendo marca d'água e filigranas. O volume foi escrito por, pelo menos, 5 mãos diferentes, cada *scriptor* com características peculiares de grafia, formas específicas de abreviaturas, quantidade de linhas por fôlio, vocabulário etc.

Todas as páginas estão numeradas, com algarismos arábicos, no centro da margem inferior de cada fôlio, na frente e no verso. Essa numeração é um acréscimo posterior feito a lápis. Iniciando-se na primeira página, fôlio 2rº e indo até o último fôlio em que há mancha escrita (página 306). Cada fôlio apresenta, ainda, diversas interferências realizadas posteriormente, algumas feitas a lápis, outras feitas a tinta preta (utilizando-se pena) outras, bem mais modernas, com caneta hidrocor verde.

Este documento é de relevância inquestionável e sabida de todos os que o conhecem e as suas informações alcançam um período de cerca de 234 anos, relativos aos séc. XVI, XVII, XVIII e XIX, e embora referentes, todos, diretamente à vida dos Beneditinos da Bahia, trazem informações de caráter político, social, militar, econômico, genealógico, geográfico e histórico de grande importância para a história geral da Bahia, como é o caso da tomada da cidade pelos holandeses, registrada logo no início do volume.

Como este documento foi escrito ao longo dos anos por variadas pessoas, e apresenta grafias de várias mãos, optou-se, para o trabalho de edição, por caracterizar a escrita de cada *scriptor* separadamente. Como o trabalho está ainda em processo, foram descritas as características dos 3 primeiros *scriptors*, como se pode ser a seguir:

1º) Primeiro *scriptor* (do fôlio 1rº ao fôlio 11vº)

- Cada fôlio transcrito apresenta, em média, 23 linhas escritas;
- quando há <ss>, o primeiro se apresenta longo <♣>;
- o <s> longo tem a grafia bastante semelhante a do <p> minúsculo;
- o <z> é grafado como letra de imprensa;
- a marca de nasalidade <~> é grafada como uma < ✂ >;

- o número <1> é grafado apenas como um traço vertical, não apresentando o alongamento frontal na extremidade superior;
- a última palavra do fólio anterior se repete, sistematicamente, como a primeira do fólio seguinte.
- o til dos ditongos nasais encontram-se sistematicamente sobre a segunda vogal, ou, não raro, além desta;
- em diversas letras, em especial <r>, <a>, <o>, <u> minúsculos, o traço final se estende até alcançar a parte superior da letra.
- há trocas de sílabas em algumas, raras, palavras, como em *regilioso* (por religioso)
- no f°6v°, L. 16 e L. 20, a palavra *Pai*, diferentemente do que se esperaria para a grafia da época, vem grafada com a letra <i> no final e não com a letra <e>.
- no f°7r°, L. 1, o verbo *por* no terceira pessoa do pretérito, encontra-se grafada com a letra <z> ao final (da seguinte forma: *poz*)
- em inúmeras utilização de <z> e <s> é vacilante, como no f°3r°, L.8, *capases*; no f°3v°, L.3, *trasião*; e L.11, *fiserão*; L.15, *redusidas*; L.21, *trasia*; f°4v°, L.16, *cinsas*; no f°7r°, L. 1, o verbo *por* no terceira pessoa do pretérito, encontra-se grafada com a letra <z> ao final (da seguinte forma: *poz*);
- no f°7r°, L. 17, encontra-se uma ligação *porisso*, fato relativamente escasso para este *scriptor*;
- no f°7r°, L. 20, *emquanto*, escrita com <m> antes de <q>
- a utilização de <g> e de <j> também não é fixa: no f°3r°, L.8, *sugeitos*,
- no f°8v°, L.7, *Certão*, grafado com <C>, e não com <s>
- no f°8v°, L.12, *poserão*, quando se esperaria *puseram*
- no f°10r°, L.2, *em quanto*, é escrito separado.

2º) Segundo *scriptor* (do fólio 12rº ao fólio 21vº)

- O <s> inicial ganha uma forma semelhante ao <s> maiúsculo, confundindo-se também com um <D> maiúsculo;
- o <z> passa a ter a sua haste inferior marcada;
- as sílabas com <ss> dobrado apresentam ambos grafados da mesma maneira;
- o sinal de <~> ganha um novo traçado, mais ondulante e mais longo;
- o <x>, que apresenta para o primeiro *scriptor*, uma característica aparentemente marcante, continuam sendo traçada da mesma forma: à semelhança da letra de forma;
- a última palavra de cada fólio já não se repete mais no início do fólio seguinte;
- o sinal de final de linha, que até então era marcado com um traço vertical, semelhante a um travessão desaparece;
- a marca utilizada para indicar separação de sílabas de palavras em final de linha passa agora a ser grafada com um traço duplo, semelhante ao sinal de igualdade;
- o *que*, que era sistematicamente abreviado por supressão, passa a ser, em diversos momentos, grafado por extenso;
- aparecem diversas rasuras caracterizadas por vários traços na vertical e na horizontal sobre as letras que se desejava anular;
- aparecem mais palavras escritas juntas (com o traço da última letra se ligando ao da primeira da palavra seguinte);
- passa a haver mais linhas escritas em cada fólio (de 25 a 30, em geral);

- no fº13rº nasalidade marcada por <n> e não por <~>: em *funcoens*;
- no fº14rºL 10, metátese marcada em *Pertendeu*, na inversão de posição entre <e> e <r>, na primeira sílaba;
- as partes sobrescritas das abreviaturas encontram-se praticamente acima da parte anterior;
- a escrita apresenta letras mais graúdas e mais descuidadas;
- no fº17rºL1, o ditongo nasal <ão> encontra-se grafado sem o til;
- nos fólhos 20 recto e verso e 21 recto e verso, a letra ganha um traço mais aligeirado e descuidado, apesar de visivelmente ter sido escrita pela mesma pessoa, desta forma, a mancha escrita passa a ter menos linhas e letras mais graúdas.

3º) Terceiro *scriptor* (do fólho 22rº ao fólho 48rº)

- a escrita apresenta um traçado mais fino e as letras são mais definidas e mais bem desenhadas;
- há mais linhas escritas por fólho (de 37 a 43);
- as margens esquerda e direita são mais respeitadas, marcando cerca de 2cm de cada lado; o mesmo não ocorre com as margens superior e inferior que são praticamente inexistentes. Fato agravado pelo corte de ambas as margens no processo de restauro;
- diferentemente do primeiro, e à semelhança do segundo, este *scriptor* também indica a separação silábica de final de linha com um traço duplo, semelhante ao sinal de igualdade;
- a abreviatura de *Frei*, que sistematicamente aparecia com o <r> escrito na mesma linha das demais letras, passa a aparecer sobrescrito;
- passa a haver mais abreviaturas por letra sobreposta;
- diferente do que acontece anteriormente, *Abade* é abreviado, na maioria das vezes, apenas com um , seguido de ponto, e com <de> sobrescritos, e há casos em que aparece apenas com <A> seguido de ponto e <be> sobrescritos;
- a palavra *casa*, que vinha sendo escrita sistematicamente com <z>, passa a ser escrita com <s>;
- no fº 22rº, L3, *Réligião* é grafada com acento, e a expressão *a quem*, vem escrita junta e com o quem abreviado com o <m> sobrescrito [aq'];
- há mais rasuras e correções do que em relação aos *scriptors* anteriores;
- não há padrão no uso de hífen na separação dos pronomes clíticos;
- sistematicamente escreve *hum* e *he* com <h>;
- no fº 25rº, L8 lê-se *pertendendo*, assim como ocorre para o *scriptor* anterior;
- apresenta algumas palavras com parte das letras sobrepostas [capacidad.^e].

O trabalho de edição do *Dietário* encontra-se em andamento. A digitação inicial de todo o texto foi feita por Dom Gregório Paixão, OSB, com base na primeira transcrição feita por Dom Clemente da Silva Nigra, OSB, na década de 1930. Ambos, embora sem critérios filológicos, buscaram manter o texto na sua forma original.

O trabalho que se realiza no momento é o cotejo das transcrições iniciais com o documento original, segundo os critérios de edição diplomática. Além disso, faz-se o levantamento das características de cada um dos *scriptors*, uma descrição externa do material e um estudo de todas as abreviaturas presentes ao longo do texto, destacando-as uma a uma e considerando-as nas suas especificidades, por exemplo, consideram-se como duas formas as abreviaturas idênticas que, no entanto, diverjam pela presença ou não de ponto de suspensão.

Para a lição conservadora dos manuscritos, foram utilizados os critérios expostos a seguir, elaborados de acordo com as necessidades surgidas ao longo das transcrições.

- optou-se por numerar as linhas dos fólhos contando apenas aquelas preenchidas com escrita ou sinais muito particulares do *scriptor*. Desta forma, numeraram-se as linhas de cinco em cinco, a partir da primeira;
- optou-se por manter a numeração de página atribuída por Dom Clemente da Silva Nigra, indicando-a, entre hífens, como consta do original, ao centro de cada página, em algarismos arábicos em itálico;
- a grafia original dos textos é conservada na íntegra, mesmo nos casos em que fica claro o equívoco ou ato falho do *scriptor*;
- é respeitada, dentro do possível, a disposição gráfica do texto na página;
- separaram-se as palavras escritas juntas e juntaram-se as separadas, por não parecerem um elemento significativo, já que na maioria dos casos, o fato parece se dar em função do processo de escrita da época, sem levantar a pena do papel enquanto ainda houvesse tinta nela;
- indicou-se a partição silábica com o auxílio de hífen, independente de o *scriptor* tê-lo usado, reservando-se o travessão maior para indicar o traço de preenchimento da linha (coisa que, ao que parece, apenas o primeiro *scriptor* utiliza);
- observações adicionais do editor, por não serem numerosas, são expostas em notas de rodapé;
- notas marginais do *scriptor* são transcritas em fonte menor;
- todas as alterações feitas a lápis foram posteriores e realizadas por Dom Clemente da Silva Nigra, bibliotecário do Mosteiro de São Bento. Desta forma, optou-se por não inseri-las diretamente na transcrição;
- as alterações realizadas ao longo da escrita primeira, original, que utiliza a mesma tinta e feitas pela mesma mão são inseridas no texto da transcrição,

utilizando-se para isso, critérios semelhantes aos utilizados pela crítica genética, os quais vêm indicados a seguir:

(†)	rasura ilegível
[†]	escrito não identificado
(...)	leitura impossível por dano do suporte
/ */	leitura conjecturada
< >	Supressão
()	rasura ou mancha
< † >	supressão ilegível
[]	Acréscimo
[←]	acréscimo na margem esquerda
[→]	acréscimo na margem direita
[↓]	acréscimo na entrelinha inferior
[↓↓]	acréscimo na entrelinha inferior, abaixo de outro acréscimo na entrelinha inferior
[↑]	acréscimo na entrelinha superior
[↑↑]	acréscimo na entrelinha superior, acima de outro acréscimo na entrelinha superior
[↑]	acréscimo na margem superior
[↓←]	acréscimo na margem esquerda, abaixo do trecho substituído
[↑←]	acréscimo na margem esquerda, acima do trecho substituído
[< >]	acréscimo suprimido
< > /\	substituição por sobreposição
< > [←]	substituição por supressão e acréscimo na margem esquerda
< > [↓]	substituição por supressão e acréscimo na entrelinha inferior
< > [↑]	substituição por supressão e acréscimo na entrelinha superior
< > [→]	substituição por supressão e acréscimo na margem direita
< > [↓←]	substituição por supressão e acréscimo na margem esquerda, abaixo do trecho substituído
< > [↑←]	substituição por supressão e acréscimo na margem esquerda, acima do trecho substituído

- para movimentos em que o *scriptor* suprime um elemento e torna a acrescentá-lo mais adiante na mesma frase, movimento que alguns editores denominam de *deslocamento*, são usados os símbolos que indicam supressão e acréscimo.
- para indicar as alterações posteriores, em nota de rodapé serão utilizadas as seguintes siglas: APFL (alteração posterior feita a lápis) e APFT (alteração posterior feita a tinta).

Até o presente momento foi editado cerca 30% do texto e quase 200 abreviaturas já foram localizadas. Ordinariamente as abreviaturas são por contração, com letra sobreposta (agradecim.^{to} = *agradecimento*); quase sempre são suprimidas vogais (aq^m = *a quem*), muitas vezes, ditongos (Cadr^{as} = *Cadeiras*), e normalmente são suprimidas duas letras (catolicam.^{te} = *catolicamente*). As abreviaturas por suspensão, utilizando-se

apenas a primeira letra de cada palavra são reservadas para as referências aos religiosos (D. = *Dom*); e ainda siglas (M. R. P. = Mui Reverendíssimo Padre).

Há diversas formas, utilizadas, por vezes, por um mesmo *scriptor*, para se referir a uma mesma palavras (Most.^o = Mosteiro; Moste^{ro} = Mosteiro; Mostr.^o = Mosteiro). Por vezes, são utilizados números arábicos para compor as abreviaturas (8.^{bro} = *outubro*; trigesimo 7^o = trigesimo *setimo*)

Ao longo do trabalho de edição, são destacadas, em especial, as formas utilizadas para fazer referência aos religiosos, por se mostrarem estas, por vezes, bastante curiosos: encontram-se, às vezes, 5 formas de tratamento para se referir a um religiosos (p. ex. M. R. P.^e Ex. Abb.^e Fr. = Mui Reverendissimo Padre Excelentissimo Abbade Frei; M. R. P.^e Preg.^{or} Geral F.^r = Mui Reverendissimo Padre Pregador Geral Frei).

Ao longo dos 221 fólhos que compõem o *Dietario das vidas e mortes dos Monges, q' falecerão neste Mosteiro de S. Sebastião da Bahia da Ordem do Principe dos Patriarchas S. Bento* aparecem história comuns, e histórias bizarras, portanto, ao início dos relatos, lê-se a seguinte advertência:

Em cumprim.^{to} ao decreto do <†> [†SS^{mo}] P.^e Urbano oitavo, protesto q' nestas vidas de Monges, q' escrevo, q.^{do} referir algum caso milagroso, algum beneficio especial de Deos; e quando disser, q' passarão a Bemaventurança, e da m.^{ma} sorte quando fallar algumas veses nesta palavra Santo, q' tudo isto he disendo respeito aos costumes, e nas acções, e não as pessoas, e q' tambem não paraq' se lhe de outro credito, mais do que aquelle, que mereceo a fé humana.

O tom de todo relato é de bastante comoção religiosa. Os monges são numerados por ordem cronológica de falecimento, relatando-se de forma breve a vida e as obras religiosas de cada um; indicando local de nascimento, local onde professou, suas funções na vida monástica, motivos de sua morte e os detalhes de seus últimos momentos; assim como a data de sua morte e o nome do Abade da época em questão.

Acrescentam-se a isso, em alguns casos, narrativas mais alongadas quando há episódios peculiares a relatar, como o do monge que foi expulso por 3 vezes e por 3 vezes foi readmitido no Mosteiro; o do Monge que deixa a casa monástica para juntar-se a uma

mulher; o do Monge que, adiantado em anos, apresentava sinais de esclerose, e protagonizava cenas quixotescas, como a que se destaca a seguir:

O vigesimo terceiro foi o P. Fr. Agostinho da Piedade nascido em Portugal, e professo nesta caza. [...] Da Itapoam foi removido p.^a a Capella de N. S. da Graça neste tp.^o pertencente a este Mosteiro, achava-se ja adeantado em annos, e destituído de forças naturaes, [...] Diante daq.^{la} devotissima imagem passava os dias, e as noites,[...] Como neste tp.^o corrião os necessitados, e aflictos [...] aquelles q' p.^r impossibilitados não podião ir implorar o socorro daquela soberanissima Rainha do Anjos mandarão pedir ao P. Fr. Agostinho o menino, q' a S. sustenta em seus braços; o P. tirando-o com toda a reverencia, o entregava com toda a decencia, a q.^m lho pedia; porem como algumas vezes se não lembrava, do q' fazia, p.^{la} continua oração em q' andava, e p.^{los} m.^{tos} annos q' tinha, q.^{do} voltava p.^a a Igreja, e via a falta do menino nos braços da Sr.^a, ficava como louco, e olhando p.^a os outros altares, vendo, q' o menino não estava na Igreja, com as lagrimas nos olhos, sahia pellas visinhanças, formando queixas de que tinha desaparecido o menino dos braços de sua Mãy Santissima, e que elle não se lembrava a q.^m o tinha dado, perguntando com as palavras da Esposa S.^{ta} a todos os que encontrava se sabião a onde estava o amado da sua alma? Quem o tinha logo e entregava compadecido daquella virtuozza sincerid.^e q' so se empregava em couzas Santas. Quando ja o P.^e se via na posse daq.^{le} celestial Tesouro, contente, alegre, saudozo corria a levar a Snr.^a a noticia de q' tinha aparecido a joia mais precioza dos seus santissimos braços; punha-o no altar e ao depois de lhe dar repetidos osculos nos pes, e de o adorar com reverentes genuflexoens, p.^a explicar a saud.^e em q' o tinha posto a sua auzencia, lhe tomava uma amoroza satisfação de se ter auzentado da Igreja, exid.^o a companhia de sua May Santissima, q' com t.^o gosto o tinha em seus braços, e nelles o tinha levado p.^r terras destantes, e caminhos trabalhosos p.^a o livrar da morte q' lhe queria dar os seus inimigos, e elle agora lhe fugia todas as vezes, q' queria. Reprehend.^o o menino com estas, e outra suavissamas palavras, que elle sabia compor, o restituia ao seu deliciozo Trono, q' erão os braços da Snr.^a, e ajoelhado em terra se despedia satisfeito. [...]

Outros relatos apresentam toque fantasioso, como é o caso daquele relativo à vida do Padre Frei Ambrozio do Espirito Santo:

[...] Deste Monge se contão alguns casos que lhe acontecerão revestidos de umas circunstancias que parece lhe diminuem o credito. [...] O primeiro caso, he, que [...] huma noite estando conversando uns moradores da terra, que era mal assombrado o caminho por onde se subia para uma alta Penha na qual estava uma Ermida de N. S.^{ra} O P.^e ouvindo a conversa para os tirar daquelles prejuisos, disse que elle iria a aquellas horas ate o mais alto da Penha onde estava a Ermida, e para signal tocaria o sino da mesma capela, e sem mais demora se poz a caminho, porem a poucos passos se encontrou com um espantozo vulto, que mudando-se em varias formas o fora acompanhando ate o lugar destinado; chegou a capela e querendo tocar o sino, achou embaraçado na corda outro vulto de mais horrenda figura que o primeiro; sempre lançou mão da corda e tocou o sino, porem ao mesmo tempo aquelle animal immundo o impelio com tanta força, e violencia, que no mesmo instante veio pelos ares cahir a porta da mesma casa aonde o estavam esperando: admirados todos de verem o P.^e junto a si logo que

ouvirão o sino, elle sem turpação alguma lhes referio o que havia passado. Dizia o dito P.^e que N. S.^{ra} com aq.¹ se apegara quando lançou mão a corda, o livrara de algum grande perigo que lhe podia succeder; e este he o unico e sufficiente motivo que nos pode persuadir a darmos credito ao successo referido.

Seguindo-se este relato, e em diversos outros, percebe-se uma tendência ao milagroso, como são os casos de diversos Monges que foram surpreendidos pelos irmãos já mortos que voltavam, por vezes, para pedir oração, perdão ou, simplesmente, desculpas. Veja-se o que se escreve sobre isso ainda no relato da vida do P. F.^t Ambrozio do Espirito Santo:

O segundo caso foi: que não podendo este Religiozo em uma noite adormecer se levantara pelas 11 horas, e sahira para um eirado que ficava perto de sua cella aonde costumavão conversar o¹ Religiozos nas horas permitidas, e vendo que estava la outro Religiozo, se chegara a elle a saber quem era, e conhecendo ser um Monge que havia dias tinha morrido, lhe perguntara que vinha ca buscar, ao q' o defuncto respondeo que vinha solicitar o perdão de uma restituição em que estava a hum Religiozo de um pouco de dinheiro que achara dentro em uma bolsa que lhe cahira indo elle para a horta em uma tarde dispensada, e como não restituiu e nem pedio perdão em vida, agora por divina permissão vinha fazer esta diligencia. O P.^e tomando por sua conta o seo disencargo foi dar parte ao Prelado e ao Religiozo do que tinha passado, e conseguido o perdão de um e outro voltou com a resposta ao defuncto o q.¹ ao depois de lhe agradecer o beneficio que lhe fizera desaparecera. O terceiro caso, he, que a este Religiozo veio pedir um Monge falecido, que quizesse o acompanhar no coro a rezar o officio Divino pelas faltas que nelle tinha commettido, por se não inclinar ao Gl. Patri na forma que devia, e que o P.^e [↑ao q o P.^e] annunindo propoz-se fazer <de um> [↑no espaço de um] anno desde huma hora da noite ate as duas, [↑-e depois disso deixou de assistir o religiozo [↓fallecido a essas obrigações] [...]

A maioria dos relatos constantes nos 221 fólhos do *Dietário*, no entanto, denota que as vidas ali relatadas eram de pessoas simples, trabalhadoras e que pregavam a incontestável obediência à Regra de São Bento e aos ensinamentos de Deus, vivendo uma vida regrada e plena de sacrifícios (cilícios, orações, penitências etc.).

A intenção desta edição, cujo trabalho está apenas no início, é de, além de preservar o material e seu conteúdo, com valor histórico para a Ordem Religiosa em questão e para

¹ Realmente, no original, não há concordância de número; o artigo está no singular e o substantivo está no plural.

a Bahia, é a de trazer à tona uma "realidade" e um texto muito representativo de séculos anteriores.

Referências

AMARAL, Dom Emanuel d'Able do, OSB. *Introdução à história monástica*. Salvador: São Bento, 2006.

CANO AGUILAR, Rafael. *Introducción al análisis filológico*. Madrid: Castalia, 2000.

CASTRO, S. R. *O estado na preservação de bens culturais: o tombamento*. Rio de Janeiro: Renovar, 1991.

CHÉRANCÉ, Padre Leopoldo. *Vida de Santa Clara de Assis*. Bahia: Typographia São Francisco, 1910.

CONTRERAS, Lúcia. *Ortografía y grafémica*. Madrid: Visor, 1994.

DE WALL, Esther. *Vivendo com a contradição: reflexões sobre a Regra de São Bento*. Juiz de Fora: Mosteiro de Santa Cruz, 1998.

HERWEGEN, OSB., Dom Ildefonso. *O sentido e espírito da Regra de São Bento*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1953.

JEAN-NESMY, Claude. *São Bento e a vida monástica*. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

LAUSBERG, Heinrich. *Lingüística românica*. Trad. de Maria Ehrardt e Maria Luisa Schemann. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.

MARQUILHAS, Rita. *A Faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2000.

MARQUILHAS, Rita. *Norma gráfica setecentista: do autógrafo ao impresso*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica; Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, 1991.

NÚÑEZ CONTRERAS, Luis. *Manual de paleografía: fundamentos e história de la escritura latina hasta el siglo VIII*. Madrid: Catedra, 1994.

PAIXÃO, OSB., Dom Gregório. *São Bento: um mestre para o nosso tempo*. 2. ed. Salvador: São Bento, 1996.

BENTO, São. *A regra de São Bento*. Tradução de Dom Basílio, OSB. Petrópolis: Vozes, 1993.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poetica/Edusp, 1994.

TAGLIAVINI, Carlo. *Le origine delle lingue neolatine*. Bologna: Riccardo Pàtron, 1964.

ZAMITH, J.; CASTANHEIRA, M. *A paz no meu caminho: vida de São Bento narrada para o homem de hoje*. São Paulo: Paulinas, 1979.